



Luz vital ao poço escuro

Vital light to the dark well



Josafá Veloso¹

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2016. Estudou cinema documentário na Escola Santo Antonio de Los Baños (EICTV), em Cuba. Realizador do longa-metragem Banquete Coutinho, um filme ensaio a partir da obra do cineasta Eduardo Coutinho, produzido pela Heco Produções. E-mail: josa.veloso@gmail.com

Resumo: Resenha do *e-book Pandemídia: vírus, contaminações e confinamento*, idealizado pelo LabArteMídia (Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais), grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes. Por nove meses, a partir de abril de 2020, um transdisciplinar grupo de pesquisadores e artistas se propôs a elaborar uma série de textos que vão do artigo acadêmico, crônica, ficção, ao ensaio, passando pelo relato de experiências artísticas de resistência poética em pleno isolamento.

Palavras-chave: pandemia; audiovisual; tecnologia.

Abstract: Review of the *e-book Pandemidia: viruses, contamination and confinement*, created by LabArteMídia (Laboratory of Art, Media and Digital Technologies), a research group linked to the Department of Cinema, Radio and Television and the Postgraduate Program in Media and Audiovisual Processes of the School of Communications and Arts. For nine months, starting in April 2020, a transdisciplinary group of researchers and artists set out to elaborate a series of texts ranging from the academic article, chronicle, fiction, to the essay, passing for the report of artistic experiences of poetic resistance in full isolation.

Keywords: pandemic; audio-visual; technology.

O recente apagão cultural brasileiro impacta o audiovisual violentamente. “Querem nos exterminar”, resumiu Jean-Claude Bernadet em debate recente². À deriva, às cegas, difícil ver luz no fim do túnel, ainda mais quando a pandemia de Covid-19 radicaliza globalmente a relação humana com as novas tecnologias de informação, hoje, mais do que nunca, em vertiginosa convergência. É o que tenta refletir, no calor da hora, em plena pandemia, o *e-book Pandemídia: vírus, contaminações e confinamento*³, recém lançado, idealizado pelo LabArteMídia (Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais), grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e ao Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes.

Por nove meses, a partir de abril de 2020, um transdisciplinar grupo de pesquisadores e artistas se propôs a elaborar uma série de textos que vão do artigo acadêmico, crônica, ficção, ao ensaio, passando pelo relato de experiências artísticas de resistência poética em pleno isolamento. Dentro de um projeto gráfico idealizado por Daniel Lima, da Invisíveis Produções, reflexões em texto são emaranhadas por um ensaio fotográfico feito por Leticia Santana Gomes especialmente para a publicação. Editado pela ECA, o livro é organizado por Almir Almas, Luis Angerami, Deisy Feitosa, Lyara Oliveira, Daniel Lima e João Knijnik.

Na introdução, um alarmante diagnóstico de Alessandra Meleiro: a Fundação Getúlio Vargas evidenciou que, caso não houvesse o coronavírus, a década atual já seria a “mais perdida” em termos de crescimento econômico dos últimos 120 anos, pior do que os anos 1980, chamados de “década perdida”. Aqui, o impacto mais profundo foi nas pequenas empresas, e é justamente nesse segmento que está o setor cultural. O baque desencadeado pela Covid-19 no setor ocorre em empresas já fragilizadas anteriormente pela crise institucional deflagrada em 2018.

Toda a cadeia produtiva do setor audiovisual – produção, consumo e serviços – foi afetada. Em meio ao furacão pandêmico e às desafiadoras transformações midiáticas envolvidas, a necessidade de reinvenção é imperativo para a sobrevivência dos produtores culturais. Enquanto a União Europeia regula as novas plataformas *Video on Demand (VoD)*, que devem proporcionar longevidade às produções locais⁴, aqui no Brasil o debate está paralisado. Qual foi a resposta dos poderes instituídos à

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMQsa2Jwk3k>. Acesso em: 10 mai. 2021.

³ URL do e-book: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog>

⁴ As plataformas de *streaming* deverão investir entre 20-25% dos seus proveitos em cinema e audiovisual francês ou europeu, algo que seria revolucionário e estruturante para o cinema e audiovisual do país.

crise? Uma medida paliativa, insatisfatória, a Lei Aldir Blanc. Ao mesmo tempo em que a pandemia afetou mais fortemente os pequenos empreendedores/produtores criativos, grandes *players* internacionais de *VoD* cresceram de forma exponencial.

Múltiplas motivações marcam os textos de *Pandemídia*, mas latente em todo conjunto está o papel societário da pesquisa e o anseio por “boas” práticas midiáticas, uma vez que os autores identificam muitos sintomas preocupantes dessa doença generalizada pela qual é acometido o audiovisual brasileiro, imerso em uma civilização mediada 24 horas pelas telas, contaminadas de desinformação e falta de cidadania. Nos sete capítulos do livro, encontramos inquietações a respeito de como a pandemia afeta nossa subjetividade (cap. 1); sobre os impactos no fazer audiovisual (cap. 2); na cultura e no comportamento (cap. 3); a ressignificação da *presença* na demasiada oferta de *lives* (cap. 4); estudos de caso envolvendo as redes sociais (cap. 5); exercícios ficcionais em fragmentos (cap. 6); terminando com exemplos de resistência artística (arte como “antígeno”) que perseguem atuar no aqui agora (cap. 7). Se estamos às cegas, ou sangrando, não estamos paralisados, e *Pandemídia* é a prova.

Fabrizio Silveira contextualiza o novo estado das coisas a partir de abril de 2020, que agora parece tão distante. Luís Angerami e Beatriz Di Giorgi refletem sobre certa imposição midiática, “servidão das redes”. “Estamos em um momento crucial, precisamos descobrir o que queremos do mundo e do papel da mídia digital” (ALMAS *et al.* 2020, p. 28), dizem os autores, “somos o que produzimos?”. “Do ponto de vista da saúde mental, danos psíquicos de difícil reparação ou quiçá irreparáveis se farão presentes, desafiando toda a sociedade ao enfrentamento das demandas atuais” (ALMAS *et al.* 2020, p. 54), escreve Sidney Oliveira.

Carlos Turdera, jornalista imersivo, reflete sobre a virtualização da vida, *fake news*, a digitalização da experiência, acelerada pela pandemia no instigante “Uma temporada na caverna”, em que a caverna de Platão contemporânea reflete agora sombras vindas das novas telas de projeção, do celular ao computador. O autor alerta para esse novo “estado de consciência que acredito ser a grande novidade psicossocial que vivemos ao sermos imobilizados em escala global: uma nova camada de mídia na teia da comunicação social e novas telas de representação imagética como consequência dessa virtualização da vida” (ALMAS *et al.* 2020, p. 37). Uma nova forma de estar na escuridão, apagadas as fronteiras entre o real e o sonho, e tornando a psicose como um “novo normal”, termo criticado em crônica de Piero Sbragi como “falácia”, dentre outros agentes dos meios de comunicação, criticados em mais de um artigo ao longo do *e-book*: a maneira como somos frequentemente bombardeados pelas diferentes nuances da morte produz em nós uma relação cada vez mais banal com o tema.

Nesse sentido, Diana de Azeredo faz um estudo preliminar das coberturas sobre a pandemia de veículos como *O povo*, indicando pontos críticos em relação à falta de informações, distorção de fatos e destaques indevidos. A *Folha de S.Paulo* chegou a mostrar a foto de um casal chinês quando anunciou que a pandemia chegara ao Brasil. “Mas os desafios da cobertura pela imprensa foram gerais”, destacou a autora em *live* de lançamento do livro (PANDEMÍDIA..., 2021), “restrições sanitárias e a crise política em Brasília (que permanece) não facilitaram o trabalho da imprensa”. Gilson Schwartz faz uma aproximação inusitada a partir da obra do filósofo com passagem pelo Brasil, Vilém Flusser, pensador das mídias técnicas e da imagem técnica, “e sua intuição filosófica genial que recorre de modo pioneiro à alegoria de um ser ‘sugador de sangue’, abissal e líquido para designar a emergência da pós-história em que somos ‘mergulhados’ na liquidez digital. O tal sugador responde pelo nome ‘Vampyroteuthiano’” (ALMAS *et al.* 2020, p. 62).

O diagnóstico é preocupante, mas “brotam outros modos de trabalho, outras estratégias, outros fluxos criativos” (ALMAS *et al.* 2020, p. 68), Lyara Oliveira pondera. O anseio de reinvenção, de fato, faz parte da própria história da TV, escreve Fernando Carlos Moura, analisando o avanço das plataformas de conteúdo, com destaque para a Globoplay, que inaugura no Brasil o *HybridCast*: TV paga, TV aberta e *streaming*, todos juntos, em um mundo convergente com experiência *all in one*. “Nada é conclusivo, mas pode-se inferir que a pandemia reordenou o tabuleiro. As emissoras de TV ganharam audiência devido à sua credibilidade, enquanto as plataformas de *streaming* ganharam usuários e horas de consumo audiovisual”, diz Fernando (ALMAS *et al.* 2020, p. 68).

Na esteira do pensamento de Arlindo Machado (saudosa memória), em que a película de cinema se transmuta em híbridos, e dialogando com os trabalhos de André Parente e Katia Maciel sobre os “transcinemas”, Tatiane Mendes indaga:

E se há uma ruptura de modos de ver e, em consonância, uma ruptura de contexto social, o cinema permanece espaço permeado de provisórios, mobilidade e efêmero, os fluxos de sons, imagens e afetos ainda reverberando sobre os corpos e produzindo atravessamentos, inconstâncias, transmutações sensibilidades e modos de ver e viver o mundo? (ALMAS *et al.* 2020, p. 80)

Tatiane propõe saídas afetivas e, portanto, políticas, para garantir que os direitos fundamentais dos cidadãos sejam garantidos. Nesse novo mundo apocalíptico, que remete a filmes de zumbi, na reflexão de Lúcio Reis Filho, que se descortina sem pedir licença, as ditas *deep fakes* embaralham ainda mais o tabuleiro: “Diante destes

desafios, torna-se necessário encontrar novos modos de ver, o que provavelmente só será possível com tecnologias que emprestem tangibilidade a processos hoje invisíveis” (ALMAS *et al.* 2020, p. 80), alerta Marcus Bastos, que pensa a ressignificação cultural das máscaras a partir das ideias do escritor búlgaro Elias Canetti. Esse novo velho mundo persiste em deixar invisíveis “corpas dissidentes de travestis, sapatonas e bixas”. “Qual mundo que vive de *lives* e abdica cada vez mais da complexidade das relações humanas?” (ALMAS *et al.* 2020, p. 80), interroga Vicente de Paula. O projeto Transcender, que tem como base tecnológica e comunicacional uma solução de vídeo imersivo ao vivo em plataforma colaborativa via *streaming*, vem chamar atenção para necessidade de prestarmos atenção à forma como contamos nossas histórias de luto daqui em diante, para não esquecer o que vivemos no presente. Atuando nesse interstício entre o real atual e um novo real que se apresenta, entre as experiências de âmbito pessoal e as experiências coletivas, entre o viver e o narrar o vivido.

Existe a tendência, então, de, daqui pra frente, os atos de comunicar, ensinar e aprender terem mediação de telas como premissa. Sobre a epidemia de *lives*, Regis Faria e Diósnio Neto vêm no momento atual um ponto de inflexão. “Primeiro, a pandemia transformou o exercício da música, principalmente em sua performatividade. Segundo, a tecnologia de produção colaborativa e a transmissão à distância com latência, que suscitavam resistências, foram acolhidas” (ALMAS *et al.* 2020, p. 123). Rafael Bitencourt e Claudia de Campos somam o coro nessa mudança de paradigma das relações interpessoais e da comunicação, “pessoas que individualmente começam a se ver e se assumem como produtores relevantes de conteúdos”. Uma mutação antropológica causada pela percepção de que “a mídia somos nós” (ALMAS *et al.* 2020, p. 133). Márcio Ribeiro analisará o fenômeno de uma perspectiva mais ampla e histórica. “A *live* se tornou a nova caixa de música do mundo pandêmico, o *vaudeville* que se assiste de casa e faz esquecer” (ALMAS *et al.* 2020, p. 143). Fernanda Castilho e Gabrielle Cifell trazem um olhar sobre o “mercado de *lives*”, mesmo agora em excesso de ofertas, as *lives* “parecem remediar um pouco as mazelas deste novo normal” (ALMAS *et al.* 2020, p. 156), nas palavras de Fernando Cespedes.

Como se a aflição do momento presente não coubesse em um texto nos moldes acadêmicos, Giovanna Caetano faz o mesmo que farão outros pesquisadores, abrindo mão da teoria e dando vazão à subjetividade. João Knijnik, Rafaela Bernardazzi e Vanessa Paula Trigueiro seguirão o mesmo caminho. Para sobreviver, criamos. Roderick Steel pensa uma vídeo-intervenção, Anna Lucchese, Marcos Lamego e Roberto D’Ugo relatam a experiência de *Petit Comité*, grupo de pesquisa artística nascido na Unesp, reinventando-se em tempos de isolamento.

Ressignificando tempo, encontro e continuidade. Fernanda Oliveira e Paula Squaiella também se reinventam, e na falta de espaços convencionais para a curadoria artística se aventuram em uma curadoria interativa a partir das imagens na rede, atentas ao papel da arte nos entreatos de uma vivência entre a ansiedade e o confinamento.

Thayla Bertolozzi faz uma varredura do *Instagram*, buscando ver como os usuários agiam com os seus *influencers* e os demais usuários nos assuntos pandêmicos ligados às práticas de isolamento, como os usuários exercitam não só uma espécie de patrulha com os demais usuários, mas justificativa para burlar as mesmas práticas: “se tal celebridade fura quarentena, eu também posso”. Christine Mello e Larissa Macêdo fazem um estudo da *performance* audiovisual coletiva, @amultidao, realizado no Instagram em abril de 2020 e concebido pelo lab extremidades, nascido como curso de extensão em semiótica da PUC-SP, atestando, mesmo em tempos de distanciamento, a força do coletivo, da força em rede. Letícia Gomes, Daniel Seda e Vinicius Sarralheiro fecham a publicação com instigantes trabalhos artísticos que formam o “Laboratório visual”, epílogo de *Pandemídia: vírus, contaminações e confinamento*.

Valorizando o caráter transgressor da arte, esta publicação traz um painel de ideias, de pensamentos, de sensações que jogam luz sobre este entrecruzamento entre a pandemia e as mídias. Um esforço coletivo admirável que levanta mais perguntas que respostas. As transformações decorrentes da pandemia, se não vieram para ficar, indicam novas formas com que se produz e se consome imagens. Que nos conectemos! Tal e qual o poético movimento do vagalume, descrito por Didi-Huberman (2011), lembrado por Tatiane Mendes, os corpos, ainda que confinados, refletem e criam lampejos de luz e de sons, inventando outras formas de se viver ou sobreviver. Poética do efêmero em meio ao brutal contexto. Se estamos às cegas, às escuras, *Pandemídia: vírus, contaminações e confinamento* traz luz vital ao poço escuro.

BIBLIOGRAFIA

ALMAS, A. *et al.* (org.). *Pandemídia: vírus, contaminações e confinamentos*. São Paulo: ECA-USP, 2020.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

PANDEMÍDIA: VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS – Lançamento. São Paulo, 10 abr. 2021. 1 vídeo (138 min). Publicado pelo canal LabArteMídia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4jbsrIfxJu0>. Acesso em: 10 mai. 2021.

submetido em: 10 mai. 2021 | aprovado em: 14 mai. 2021